

O cuidador de pássaros

OU
TRO

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Matheus
Rocha



O cuidador de pássaros



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Matheus Rocha, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.

Preparação: Departamento editorial da Editora Planeta
Revisão: Laura Vecchioli
Diagramação: Márcia Matos
Capa e ilustração: Filipa Damião Pinto | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rocha, Matheus
O cuidador de pássaros [livro eletrônico] / Matheus Rocha. --
São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

ISBN 978-65-5535-060-9 (e-book)

1. Ficção brasileira I. Título

20-1939

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Querido diário...

Eu adoro essas brequices de começar a escrever nos meus diários dessa forma. É puro clichê de adolescente tardio, com RG de adulto e liberação oficial para ingerir bebida alcoólica, mas me dá aquela sensação de que a minha vida poderia facilmente virar um filme, um livro, uma série.

Mas a realidade é bem menos empolgante e interessante. Aqui estou eu, começando mais um diário depois de ter gastado todas as páginas dos anteriores escrevendo sobre paixões que só aconteceram na minha cabeça, amigos que nem me consideravam tão amigo assim e situações que a vida colocou no meu caminho só para testar o quanto eu gostaria de ser quem sou – e em todos esses testes eu confirmei que sim, da mesma forma que faço com os termos de uso das redes sociais em que me inscrevo. “Li e aceito.” Mentira. Nem li, mas vou aceitar porque acho que dói menos.

(Sinceramente, já estou cansado de tudo que é dolorido. Eu queria só essas coisas fru-frus e coloridas e meio doces ou meio ácidas de qualquer um desses filmes de comédia

romântica que sou viciado em assistir. Mas acho que estou fantasiando a vida. Ou será que não? Não tem outra pessoa além de mim aqui neste diálogo que possa me ajudar a responder essas perguntas: sou eu e meu diário, e só. Então o que me resta é me dedicar a aprender comigo mesmo, né? Eu sei. Insisto em perguntar, porque na minha cabeça alguém está lendo isso. E, na verdade, eu sou alguém também. Por isso, estou fingindo que há mais pessoas para não me sentir completamente desinteressante e seguirei assim, como se isso aqui fosse uma conversa. Não faz o menor sentido, mas a minha terapeuta diz que me ajuda a processar as coisas. Ela estudou mais a psicologia do que eu, então vou acreditar nela.)

Só para te deixar por dentro das coisas, como de costume, eu me reapresento a cada novo diário. Sabe aquela coisa de “retrospectiva do último capítulo” que as novelas têm? Então! Meio que assim. Eu não sou mais o mesmo que escreveu o último diário. Não sou o mesmo que escreveu o primeiro. Não serei o mesmo ao fim destas páginas que seguem, por enquanto, em branco. Decoro páginas e enfeito palavras como se o mundo lá fora não estivesse caótico, e aqui dentro, no meu quarto, não estivesse tão barulhento. Quer dizer, nem está, na real. Isso é só a minha cabeça ou o meu coração. Eles têm a estranha mania de ocupar todo o espaço onde estou. Os meus sentimentos preenchem todas as lacunas que existem em meu ser. Só pulam os buracos negros das faltas que me consomem aos poucos. Mas eu sempre sobrevivo. Ou morrem partes de mim. No todo, continuo caminhando. Mesmo sem saber direito para onde.

Então, vamos lá. Imagina que agora surge uma trilha sonora de aventura, para eu conseguir dizer quem eu sou de forma animada, porque eu não sou nada demais. Risos.

E esta é a minha história...

Eu sou Matheus Santos. Nada mais comum do que esse sobrenome para a pessoa comum que sou. Mas acho que de santo não tenho nada. Inclusive, eu não gosto que escrevam meu nome sem H. Porque aí sim me deixa ainda mais parecido com o santo. Nada contra ele, em si, mas não gosto desse estereótipo de bonzinho. A minha cara já faz isso por si só. Aparento ter menos idade do que os meus 23 anos. Então é difícil fazer com que as pessoas me levem a sério. Pareço um ursinho carinhoso bravo. E não, não gosto disso. Eu preferia ser chamado de sexy, sedutor, misterioso, qualquer coisa, menos de fofo. Isso me irrita demais. Nossa, isso definitivamente é algo que me tira do sério. Porque ninguém quer beijar uma coisa fofa. As pessoas querem colocar num potinho e proteger. Mas eu não sou uma planta. Eu não sou um girassol (desses que amo, aliás). Eu sou um carinha, pô. Custa me olhar como tal? Desabafei.

Eu sou do interior de Minas Gerais, de uma cidade de que, com toda certeza, você já ouviu falar na sua vida, mas pelo motivo que me causou insônia durante a minha juventude inteira. Só de falar o nome da minha cidade, você já saberá o motivo pelo qual eu não ficava sozinho em casa, não dormia sozinho no meu quarto e evitava sair à noite para locais descampados. Quer ver? Eu vou te dar uma chance para adivinhar o meu pavor: Varginha. É esse o nome. Viu? Bem óbvio.

Mas, na verdade, eu passei a ter medo de ETs porque, quando eu era só um pirralho, meus odiáveis primos mais velhos viviam dizendo que eu seria abduzido e que os alienígenas fariam diversas experiências comigo: arrancariam todas as minhas unhas, todos os meus dentes e fariam cortes vagarosos e profundos em minha pele para estudar a composição do meu corpo e a minha reação à dor. Coisas assim. Ou seja, quem tem primos demoníacos na família não precisa de mais porra de inimigo algum. Desculpa o palavrão, é que superar isso me custou muito dinheiro, digo, investimento. Foram diversas sessões de terapia até entender que ser abduzido não seria ruim, pelo contrário; diante de tudo que andam noticiando por aí, acho que seria até um gigantesco alívio. Tirando a parte de ser um dos experimentos deles, é claro. Mas acho que se fossem escolher um ser humano, seria, sei lá, a Beyoncé, a Rihanna, o Junior da dupla Sandy & Junior, não eu, o Matheus Santos de Varginha. A menos que essas pessoas que citei *já sejam* extraterrestres. O que explicaria muita coisa.

A minha vida sempre foi marcada por entraves emocionais, coincidências e coisas que eu deixei de tentar explicar para me concentrar em viver. Hoje moro em São Paulo. A cidade que me diziam que nunca dormia. (Mais pra frente eu explico por que não tem sido bem assim, e que a gente tem dormido bastante por aqui, já que, basicamente, é a única coisa que se tem para fazer.) E eu me mudei para cá há mais ou menos um ano. Vim para estudar Psicologia na Universidade de São Paulo,

mundialmente conhecida como USP. Mas antes de tentar ser psicólogo, já tentei ser engenheiro, publicitário e jornalista. Eu nunca soube muito bem o que queria, talvez por querer muito tudo. Ou um pouco de cada coisa. Eu sempre quis o mundo. Mas acho que o mundo não me quis tanto assim...

Respira fundo.

Divido apartamento com o meu melhor (e talvez quase único) amigo, Rodrigo. A gente se conheceu no Twitter.

(Essa história é bem legal por sinal, mas não é o meu foco, então vou resumir. Nos seguíamos na rede social Deus sabe lá por quê, nos achamos interessantes e conversamos durante dias e dias, por horas e mais horas, enquanto eu nem morava aqui. Quando finalmente vim me matricular na faculdade, antes de as aulas começarem, a gente marcou um encontro. Foi aí que tudo começou a dar errado, pelo menos romanticamente falando. O papo foi daqueles em que um assunto engata no outro e vai parar num terceiro e a gente ri sem parar. Foi tão legal que nos esquecemos dos beijos, dos amassos e daquelas outras coisas que os casais normalmente fazem. Eu fui embora, mas a gente continuou os papos depois, até dizendo que os beijos viriam na próxima oportunidade. E, olha, essa história serve para apresentar um dos meus maiores talentos: eu sempre converto possíveis namorados em amigos. Enfim, quando vim de fato morar em São Paulo, o trem tinha desandado e a gente já era ~~alma~~ ~~gêmea~~ amigo. Nos aproximamos tanto que hoje moramos juntos e continuamos sem os beijos. Mas tenho certeza absoluta de que foi melhor assim. Se os beijos

rolassem, olhando para o meu currículo, possivelmente eu nem falaria mais com ele hoje em dia. Então, é melhor ter alguém de confiança para dividir o aluguel do que dar dois beijos e até nunca mais. Suponho.)

Eu tenho um sotaque forte, desses que as pessoas gostam de imitar, mas, por favor, aqui vai um conselho: não imite o sotaque das pessoas. Não é engraçado. É bem tosco, por sinal.

Enfim, continuando.

Tenho mais ou menos um metro e setenta e três ou quatro – porém digo cinco – de altura, uns ossos à mostra e uma cara de quem acabou de desmaiar, mas é só sono acumulado. Eu sei, você acabou de imaginar o Noivo Cadáver, no entanto, garanto que sou um pouquinho mais bem-apessoado, ainda que isso também mude de acordo com a opinião. Posso resumir que estou solteiro. Será que isso ajuda? Na verdade, sempre estive. Acho que, durante a minha vida toda, eu passei mais tempo querendo viver um grande amor do que de fato em um relacionamento. E, quando estive em uma relação, ou não durou ou a pessoa sequer sabia que estávamos nela.

Resumidamente, não tenho sorte no amor, mas acredito muito, muito nele. Eu acredito demais no amor. Se tem uma coisa na qual acredito, de verdade, com todas as minhas forças... é no amor. Mesmo sem que ele tenha me sorrido de volta. Não sei explicar. Eu só acredito.

Ou melhor, sei explicar, sim. Sei demais, mas amanhã eu conto. Preciso dormir agora. Ou ficar me virando de um lado para o outro na cama, fingindo que durmo. Ou

só esperar amanhecer. Como se isso fosse mudar alguma coisa, já que não posso sair de casa.



Eu não sou bom com prazos. Disse que voltaria ontem (o tal amanhã daquela vez), mas não tive força de vontade suficiente para escrever. Voltei hoje. Serve? Se sim, vou retomar de onde parei...

Parei no amor, né? Acho que comecei a me apaixonar pelo amor com as histórias que ouvia da minha avó Marina, dos tempos em que ela era moça. Eu sou filho único e fui criado com a minha avó, que ainda mora com a minha mãe no interior. (Meu pai nem merece ser citado nos diários, porque com ele eu tive pouco contato, nenhuma referência e é isso.) Eu costumava deitar no colo da minha avó todas as tardes, enquanto o alto-falante da igreja que ficava a uns três quarteirões da nossa casa, numa rua sem saída de um dos lados, ecoava a Ave-Maria. Se você não é do interior como eu, se não conhece esse costume, essa tradição, ou não sei que nome dar a esse fato, explico: todos os dias, às seis horas da tarde, é o horário de Maria. Nessa hora, em Varginha, o padre colocava uma gravação da oração e também a oração de São Francisco de Assis, que é bonita demais e diz, em um dos trechos: “Ó mestre, fazei que eu procure mais amar que ser amado”. Cresci ouvindo isso e acho que, de maneira meio torta ou aplicada do jeito errado, internalizei.

Bom, eu ia dizendo:

Eu deitava no colo da minha avó e, enquanto ela fazia chamego no meu cabelo, que na época era loiro – de uma